
*As novas ideias que vinham de Paris:
a imprensa francesa no Brasil Oitocentista e
a Revue des Deux Mondes*

*The new ideas coming from Paris: the French Press in
nineteenth-century Brazil and the Revue des Deux Mondes*

Luis Fernando Tosta Barbato*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo mostrar a importância da imprensa francesa para a formação do pensamento social brasileiro, ressaltando que, sendo a França a principal matriz cultural do Brasil no período, coube à imprensa francesa um papel de destaque na difusão dessa cultura. No mais, também abordaremos a influência da *Revue des Deux Mondes* no Brasil do século XIX, que, dentro desse contexto de penetração da imprensa e das ideias francesas no Brasil, desempenhou papel de destaque.

Palavras-chave: imprensa; Revue de Deux Mondes; relações Brasil-França.

Abstract: This paper aims to bring the importance of the French press for the formation of Brazilian social thought, noting that France being the main cultural matrix of Brazil for the period, the French press had a prominent role in spreading this culture. At the most, we will also touch the influence of the *Revue des Deux Mondes* in nineteenth-century Brazil, which in this context penetrating the press and the French ideas in Brazil, played a prominent role.

Keywords: press; Revue de Deux Mondes; Brazil-France relations.

* Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. *E-mail:* lfbarbato@gmail.com

A imprensa brasileira e as ideias francesas

É inegável que os franceses deixaram suas marcas no Brasil do século XIX, mesmo não sendo a principal referência econômica, ou mesmo não enviando para essas terras um grande número de imigrantes capazes de mudar a cara do País, eles foram as principais referências culturais para o Império Brasil e mesmo em períodos avançados do Brasil republicano. Vestir-se à moda de Paris, viajar à França para complementar a formação intelectual, ou meramente consumir tudo o que vinha de lá tornaram-se imperativos, pelo menos para as classes mais abastadas do período, para que o desejo de civilização tão caro ao século XIX se mantivesse vivo.

No entanto, todo esse impacto vai além dessa mera absorção de hábitos, mas se deve também à penetração de seus escritos pelo Brasil, que inflamavam as ideias que pregavam e reafirmavam a França como o lugar da civilização. Ela se encontrava, pelo menos em sua forma mais pura e condizente com os anseios de um país e de um povo em busca de romper com um passado lusitano, desejoso de entrar para o seleto grupo das grandes nações do globo.¹

Tal penetração de escritos, com toda sua carga de ideias, deu-se via instalação de um modo de publicação e circulação dessa cultura, formada por uma imprensa brasileira, que se inundava de influências francesas, ou mesmo da imprensa francesa que aqui se instalou no século XIX. Especializada em publicar e distribuir textos escritos em língua francesa, que também possuíam grande circulação para os padrões da época, justificou essas empreitadas editoriais.

Se a chegada da Família Real portuguesa no Brasil, em 1808, é considerada um marco na penetração das ideias francesas no Brasil,² não por serem as primeiras, mas por acontecerem de maneira mais profunda e sistematizada, em relação à imprensa brasileira não foi diferente. Apesar de não se instalar em um território vazio,³ foi a partir da implantação da Imprensa Régia no Brasil, que a imprensa passou a ganhar destaque no cenário nacional. (GUIMARÃES, 2012, p. 136; GRANJA, 2012, p. 117).

Em meio a um sistema de circulação midiático que surge na França do século XIX, na qual toda uma cultura é erigida em torno da imprensa, essa vê seu fortalecimento e a sua propagação, tanto na Europa, quanto em outras partes do mundo, como a América Latina. (KALIFA, 2001).

À medida que os *passeurs culturels*⁴ iam e vinham na ligação entre São Paulo, Rio de Janeiro e Paris, uma série de periódicos surgia no Brasil, criada e inspirada nas experiências francesas que encontraram em suas estadias na Europa. Só para dar um indício da importância dos periódicos e revistas aqui fundados por homens que vieram da França no século XIX, podemos citar exemplos como a *Minerva Brasiliense* (1843-1845), dirigida por Sales Torres Homem e Santiago Nunes Ribeiro; *O Guanabara* (1849-1856), dirigido por Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo e Araújo Porto-Alegre; e a revista *Lanterna Mágica: Periódico Plástico-Philosófico* (1844-1845), criada também por Araújo Porto-Alegre e com clara inspiração na *Lanterne Magique*, revista francesa criada em 1833 por Émile de Girardin. (CAPARELLI, 2012, p. 31-32; PASCOALETO, 2005).

Se a França penetrava na imprensa brasileira através desses intelectuais retornados, logo passou a penetrar de maneira mais direta. Com o desembarque de pintores, comerciantes, alfaiates e toda ordem de franceses que ocorreu após 1816, os portos do Brasil também receberam uma série de editores, impressores e livreiros franceses, como Pierre Plancher, Junius Villeneuve, e os irmãos Laemmert e Baptiste-Louis Garnier, que deram contribuições importantes para o desenvolvimento da imprensa no Brasil.

Em sua bagagem, esses homens de imprensa trouxeram uma série de periódicos franceses a serem publicados nesse Brasil oitocentista, e a língua francesa passou a ter um destaque mais formal na imprensa do País, com seus títulos publicados: *L'Echo de l'Amerique du Sud*; *Le Courrier du Brésil*; *L'Argus*; *La Novelliste*; *Le Figaro Chroniqueur*; *Le Messenger*; *La Revue Française*; *L'Indépendent*; e *L'Echo Français* são alguns dos exemplos de periódicos escritos em francês e publicados no Brasil no período, ressaltando a importância que a imprensa francesa desempenhou nestas terras. (CAPARELLI, 2012, p. 34-35).

As relações entre Brasil e França haviam se intensificado nos meados do século XIX, e, se, da parte de cá, éramos invadidos por periódicos franceses, escritos em francês, do lado de lá tal, um movimento também ocorria, não na mesma intensidade, afinal, a França era o modelo, e era ela que inspirava, mas periódicos brasileiros também foram fundados em Paris, mostrando que havia um intercâmbio, com a presença de escritos brasileiros nesse jogo de circulação de textos. Podemos citar como exemplos de periódicos brasileiros escritos em Paris: *O Patriota*

Brasileiro: periódico mensal, publicado em 1836 por Jean-Augustin Renouard, ou ainda, a célebre *Nitheroy: Revista Brasiliense, sciencias, letras e artes*, fundada por Porto-Alegre, Gonçalves Dias e Torres Homem quando ainda eram jovens estudantes em Paris. (CAPARELLI, 2012, p. 31; PINASSI, 1998, p. 11).

Dessa maneira, a imprensa brasileira foi ganhando ares cada vez mais franceses, ressaltando a máxima deste trabalho que foca na influência francesa no Brasil do século XIX, tanto que um dos mais importantes jornais de circulação diária, impresso no Brasil oitocentista, o *Jornal do Commercio*, fundado em 1827, é obra do francês Pierre Plancher.

Valéria Guimarães vê, nessa crescente inspiração francesa no Brasil, uma causa do fomento das ideias e da existência de um imaginário no qual a França simbolizava a liberdade ligada aos ideais das *Luzes*, em oposição às representações imperialistas de Portugal ou da Inglaterra. (GUIMARÃES, 2012, p. 140). A imprensa brasileira no século XIX era francesa, pelo menos em sua inspiração e considerando os executores.

No entanto, vale ressaltar que, se, no Brasil, a influência da França foi importante no período, o Brasil não é caso único. Ela também era referência primordial para outros países da América Latina e mesmo da Europa, sendo a questão da imprensa apenas um exemplo no qual essa referência cultural dá suas caras.

Jean-François Botrel traz o exemplo da imprensa espanhola no século XIX, que, tal como a brasileira do mesmo período, era inundada de referenciais franceses:

Até o final do século XIX, a França é para a Espanha e para a América Latina o referente privilegiado, seja em relação aos principais equipamentos para impressão de jornais (compreendendo aí os “utensílios” e as pranchas preparadas para a gravura) ou aos produtos finais em francês ou na língua do país, tais quais ou traduzidos ou adaptados [...] ou mesmo pirateados, mas também na encomenda de publicações feitas no exterior e depois importadas, o material referencial francês domina. (2012, p. 57).

O exemplo de Botrel mostra que a tal hegemonia cultural da França não se estendia apenas aos *fracos* da América, mas também aos *fracos* da Europa, usando esse termo para referenciar as potências europeias que estavam a par dessa corrida imperialista que se empreendia na época.

A Espanha, por exemplo, que assim como Portugal, já havia perdido as glórias de seu império para o tempo, sofria uma influência da França tão forte, comparável a dos países da América Latina. Como disse mais uma vez Botrel, “se boa parte da informação [na Espanha no século XIX] pode ser obtida na imprensa publicada na França, em francês ou espanhol, e diretamente consumida em todo o território espanhol, é principalmente por imitação, aclimação que se produzem as transferências” (2012, p. 59), trazendo aqui a penetração da influência francesa na imprensa e em toda a cultura espanhola.⁵

Assim, a imprensa francesa vai adentrando no Brasil e em outras partes do mundo latino, e sua influência está cada vez mais presente. Sendo imitação ou não, a sua simples presença era vista como uma espécie de termômetro para a civilização, e a sua disseminação mostrava o quão mais próximo estava o País dela. No caso do Brasil, o trecho a seguir, extraído da *Beija-Flor*, de 1830, mostra que o Brasil imperial andava feliz com os rumos que a sua imprensa, e por consequência, sua civilização, iam tomando:

Se os progressos da imprensa fossem os degraus certos de um termômetro para o adiantamento da civilização, podíamos nos felicitar de nosso avanço, pois que, de quatro anos para cá, o número das publicações periódicas tem quadruplicado no Brasil. Em 1827, haviam 12 ou 13, hoje, segundo o recenseamento da revista Aurora [...], 54 vieram à luz durante o Império. (SODRÉ, 1999, p. 116).

Assim, a imprensa deve ser ressaltada como *locus* privilegiado da penetração das influências francesas no Brasil no século XIX, e meio de propagação dessas ideias. Foi ela palco de debates, de discursos e de experiências que acabaram por ocupar lugar central na construção de identidades. No entanto, a imprensa não é mero objeto portador de discursos, apenas o palco no qual eles aconteceram. Como nos revela Stuart Hall (1994), a imprensa deve ser vista também como o meio no qual ocorrem negociações, sendo, o leitor ativo, nesse processo.

Há de se conhecer, nesse viés, o objeto impresso, sua materialidade, seu público interlocutor e os elementos verbais que formam seus signos tipográficos, porque tudo tem sentido, como refere André Caparelli:

A imprensa não é apenas um objeto portador, o pano de fundo desses discursos nacionalistas. Considerando-a assim, nós negligenciamos aquilo que lhe é essencial: seu papel ativo na mediação desses discursos. [...] A sociologia-bibliográfica, por sua vez, ensina-nos que o *status* e a interpretação de uma obra dependem também de sua materialidade, que o autor desempenha um papel essencial, juntamente com o editor, na definição das formas dadas às suas obras, e que toda significação de um texto é historicamente situada, depende das leituras, diferenciadas e plurais, que lhe atribuem um sentido. (CAPARELLI, 2012, p. 26-27).

Assim, prosseguiremos trazendo à pauta a *Revue des Deux Mondes*, projeto editorial que guardava a tediosa sisudez conferida por François Buloz em seus tempos áureos, e que vinha para ser o grande projeto de revista do século XIX, na França, capaz de servir como ponte entre os dois mundos, e de levar, um ao outro, aquilo que de melhor havia entres os povos, dando sua contribuição fundamental para um progresso que parecia ingenuamente palpável. E, mais que nenhum outro periódico francês oitocentista, merece destaque em um artigo que trata da penetração da imprensa francesa no Brasil. Os motivos, veremos a seguir.

A Revue des Deux Mondes: o olhar francês sobre dois mundos

Na da história do Brasil, principalmente a do século XIX e início do século XX, a França ocupa um lugar todo especial, mesmo não sendo aquela que carregou as principais responsabilidades referentes à colonização do Brasil, à economia e à imigração, como vimos anteriormente.

No entanto, o mesmo século XIX, que nos mostra o papel diminuto da França nessas categorias, também nos mostra que a França foi grande para o Brasil, pois, mesmo diante desses gigantes europeus que eram (ou foram) Portugal, Inglaterra, Alemanha e Itália, cada um na sua categoria de influência, coube à França um lugar de destaque na formação do Brasil, pois ela exportava ideias, como explica Mario Carelli (1994, p. 118), ideias essas que, por muito tempo, foram as principais referências culturais para homens dispostos a dar uma “cara” ao Brasil, dispostos a formar uma Nação a partir de um emaranhado de negros, índios e portugueses dispersos em um território gigante, selvagem e detentor de riquezas e belezas infinitas, tônica que guardava o imaginário sobre o Brasil desde os tempos de colônia.

Assim, como vimos há pouco, a França esbanjava influência e prestígio cultural nesse período, na vida dos cidadãos comuns da Corte, que apenas queriam vestir-se à moda parisiense e que eram seduzidos pela literatura, pelo teatro, pela medicina, pelas artes, enfim, pela sensibilidade francesa. (CAMARGO, 2005, p. 80). Também pelos intelectuais brasileiros, que cada vez mais deixavam o sonho de Coimbra pelo das letras, artes e ciências de Paris (FERREIRA, 2003, p. 50-51), ou mesmo pela paixão do próprio D. Pedro II (CARELLI, 1989, p. 62-76; SILVA, 2001) pelo País. Ele nos serve de exemplo máximo do poder da francofilia no Brasil imperial e dos primórdios da República.

Nesse sentido, da ampla penetração das letras francesas no Brasil, no período em estudo, é unânime⁶ entre os estudiosos do tema a importância da *Revue des Deux Mondes* como veículo de difusão dos escritos franceses no Brasil. Periódico de grande longevidade e circulação, durante o século XIX e início do século XX, conforme Ana Luiza Martins, foi a *Revue*, dentre os periódicos estrangeiros, o que ocupou o topo da lista entre os mais festejados pelos homens de letras e ciências do Brasil da época, principalmente em sua fase imperial. Figura importante nos principais acervos do País, circulava entre os personagens de Machado de Assis e era aclamada pelo próprio Imperador D. Pedro II, seu leitor voraz (CAMARGO, 2006, p.75),⁷ o que lhe conferia bastante prestígio.⁸

Dessa maneira, a *Revue de Deux Mondes* gozava de prestígio, que se estendia também ao seu leitor, como mostra, Ana Luiza Martins:

Afamada, assinada, adquirida, porém, pouco lida. Ou melhor, consumida efetivamente por homens de letras. Sua configuração sólida, quase um livro, recheada de compenetrados artigos de gama diversificada de autores europeus, transformo-a em ícone do saber superior e elitizado, conferindo a seu possuidor e/ou assinante a aura de leitor informado e atualizado. (2001, p. 75).

Fundada sob o título de *Revue des Deux Mondes: recueil de la politique, de l'administration et de mouer*, em 1829, por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron (CAMARGO, 2007, p. 37), a *Revue* nasce com um objetivo traçado: buscar o *outró* – no caso os povos estrangeiros visitados pelos colaboradores da *Revue* espalhados por todo o globo – como forma de conhecê-los, a fim de levar para a França aquilo que de melhor havia no

Exterior, contribuindo, assim, para uma melhor organização e desenvolvimento da própria sociedade francesa.

Como explica Katia Aily Franco de Camargo, “é preciso conhecer o outro para poder dele adotar aquilo que é conveniente e/ou apropriado para a França, para que essa possa melhor organizar sua sociedade.” (2005, p. 83). É o trecho a seguir, que inaugura o primeiro volume da *Revue*, ainda em 1829, sem o peso da mão de Buloz, mostra bem esse sentido de intercâmbio salutar entre a França e o restante do mundo, dos quais (países) os viajantes eram peças importantes para o funcionamento da engrenagem:

Dans un siècle tout positif, dans une société qui tend à perfectionner son organisation, et qui recherche avec empressement ce qui peut éclairer sa marche, une entreprise comme celle-ci devait être tentée. Ce ne sont pas les théories administratives dont la France a le plus besoin, c'est l'administration *pratique*. Il importe donc de bien connaître ce qui se passe ou ce qui s'est passé chez les autres peuples, afin de n'adopter de leurs institutions que ce qui pourrait s'appliquer à nos mœurs, à notre caractère, aux progrès de nos lumières, à la position géographique de notre territoire. [...]. La *Revue des deux Mondes* sera exemple de l'esprit de système qui préside trop souvent aux travaux de ces littérateurs nomades qui voyagent et écrivent si vite. (ANÔNINO, 1829, p. vi-vii).⁹

Nesse século todo positivo, na qual as sociedades deveriam aperfeiçoar suas organizações e buscar meios de iluminar cada vez mais seus caminhos, o projeto da *Revue* torna-se algo valioso. Por isso, são escolhidos “a dedo” aqueles capazes de trazer esses conhecimentos e experiências que circulavam no Exterior, à espera daqueles que os levariam à França e contribuiriam para o progresso do país. (CAMARGO, 2005, p. 82-83). Dessa maneira, pelo menos em um primeiro momento, pressupõe-se mais ciência, técnica e administração e menos literatura e descrição romântica na *Revue*; no entanto, como salienta Jefferson Agostini Mello (2013), esse ideário romântico não se faz ausente nesse primeiro momento da *Revue*, pois havia a noção de que um espírito único integrava todos, independentemente de sua localização no mundo.¹⁰

Tal concepção, no entanto, não encontra oposições no ideário científico da época e justifica o método de comparação a ser empregado na *Revue*, que coloca seu centro, a França, em análise comparativa com os diversos países percorridos pelos viajantes-escritores da *Revue des Deux Mondes*. (MELLO, 2013, p. 288).

Nesse sentido, Luiz Dantas ressalta a importância desse olhar romântico que persistia no ideário da *Revue*, mas não deixa de referir que a *Revue* primava pela busca de um conhecimento mais prático, que atendessem aos anseios de sua proposta de aprimorar a sociedade francesa através do contato com outros povos, o que fica bastante claro no trecho que segue:

Não se deve superestimar o aspecto literário ou exótico das preocupações desses viajantes. As descrições das paisagens tropicais, sua desolação ou sua imensidão, são, na verdade, passagens obrigatórias em todas aquelas relações. Porém os viajantes estão engajados em uma investida mais “séria”: trata-se de cientistas no exercício de suas missões científicas, ou observadores que percorrem o país a fim de reunir o maior número de informações necessárias à sua compreensão e análise. (DANTAS apud MELLO, 2013, p. 289).

E, se um projeto como o da *Revue* era algo que demandava energia prática, espírito organizacional e a necessidade de fazer acontecer, alguém menos dado a devaneios filosóficos e mais dotado de um pragmatismo inerente ao próprio projeto do periódico era necessário para conduzir, de fato, esse grandioso projeto que colocaria frente a frente a França e o resto do mundo e daria suas contribuições para o aprimoramento da sociedade francesa.

É nesse momento que entra uma figura ímpar na história desse tão aclamado periódico, exemplo para uma série de similares que surgiram em diversas partes do mundo: François Buloz. Em 1831, a revista fundada dois anos antes, por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron já se encontrava em situação agonizante, sem o vigor e o prestígio de tempos posteriores, que acabaram se refletindo em suas finanças, foi vendida a um impressor de nome Auguste de Auffray, que convida então seu amigo François Buloz para coordenar a nova fase da *Revue*.

Seu novo estatuto é publicado, e seu prospecto original, de servir de apoio ao engrandecimento da própria sociedade francesa é mantido,

mas Buloz pretendia, além das contribuições políticas e literárias à França, ser mais, ser grande e tornar a revista a mais completa que já existiu. (CAMARGO, 2005, p. 87), e o orgulho e a importância que Buloz dá à sua *magnum opus* podem ser atestados no trecho:

“Il sera bien difficile d’écrire l’histoire politique et littéraire de la période que nous venons de traverser, sans recourir à cette collection”. (BULOZ, 1848, p. 3).

Logo, em 1833, Auffray desliga-se da *Revue* que é adquirida por Buloz, agora, não mais apenas o editor da revista, mas o editor e dono da revista, e passa a delinear os contornos que marcariam a *Revue de Deux Mondes* como um dos mais importantes periódicos do século XIX.

Dentro do projeto original de veicular textos de grandes nomes da cultura de seu tempo e que ainda possuíam conhecimento e ampla vivência no Exterior, Buloz começa a dar-lhe a forma que caracterizaria a revista e a conduziria a seus tempos áureos. Segundo Kátia Aily Franco de Camargo, Buloz estabeleceu um padrão para os artigos da *Revue*, uma espécie de molde que deveria guiar todos os textos publicados na revista. (CAMARGO, 2005, p. 89).

Tanto que, se observarmos os artigos da *Revue*, perceberemos que há todo um padrão estético que guia seus textos, que confere, em um primeiro olhar, certa homogeneidade, por vezes até tediosa, como nos dá a entender Thomas Loué (1998), à revista. No entanto, tal homogeneidade deve ser analisada apenas como fruto do trabalho de formatação de Buloz, visto que os 791 autores que publicaram nos tempos de sua gestão não formavam um grupo homogêneo, mas eram das mais variadas origens intelectuais e nem buscavam objetivos comuns, ou partilhavam de proposições políticas, estéticas ou literárias semelhantes.¹¹ De acordo com Camargo, Buloz serve de ponte, que une o individual da escrita e a forma coletiva impressa. (CAMARGO, 2005, p. 90).

Não que essa heterogeneidade entre os escritores da *Revue* não resultasse em uma orientação política definida, com simpatias pelas monarquias, fé no progresso dos povos e defesa da liberdade pessoal e da ordem social. (SILVA, 2001, p. 8). Apesar de tratar de temas variados, como: ciência, música, medicina e literatura, além de história, geografia, política e dos tão esperados relatos de viagem e de buscar atingir um

público amplo,¹² Buloz proibia a publicação de textos muito inovadores ou com ideias muito ousadas,¹³ pois era dirigida a um público específico: o leitor burguês, e não podia correr o risco de perdê-lo. (CAMARGO, 2005, p. 91).

Dessa maneira, sob as rédeas de François Buloz, a *Revue des Deux Mondes* foi ganhando destaque, e, se entre os estudiosos do tema podemos dizer que é unânime a opinião de que a *Revue* foi a mais importante revista do século XIX, também é unânime a opinião de que foi sob sua direção que ela viveu sua fase áurea, tendo essa passado com a morte de seu principal idealizador. (CAMARGO, 2005, p. 89).

Após a morte de François Buloz, a direção da *Revue* ficou a cargo de seu filho, Charles Buloz, que não havia sido preparado pelo pai para assumir a função.¹⁴ A partir de então, a revista entra em fase de franco declínio, inclusive financeiro, e, em meados de 1880, chega a perder cerca de metade dos seus 25 mil assinantes. É claro que Charles Buloz não tinha o tino comercial do pai nem o talento para mapear entre os tantos escritores aqueles que eram os melhores e os que possuíam o perfil para manter o *status* da *Revue* (CAMARGO, 2005, p. 91), mas a culpa não foi só de Charles.

O próprio contexto político da França (final dos Oitocentos) levava à superação do modelo criado pelo patriarca da família Buloz. Monarquista e elitista, tornou-se ultrapassada ante a República que se instaurara na França desde 1848. Se François Buloz aproveitou as instabilidades que a Segunda República francesa provocou para a bem-delimitada orientação política da revista e buscou diversificar os gêneros e conquistar leitores que estavam além de seu público burguês padrão, o que resultou em grande expansão internacional do periódico, na qual a participação do Brasil foi importante, como veremos, seu filho não teve o mesmo tino.

Forçado a se demitir, em 1883, Charles Buloz passa seu cargo a Ferdinand Brunnetière, que, apesar de seus esforços de renovação, não conseguiu mais reerguer aquilo que havia morrido com François Buloz. O mundo viu degingolar o *status* da outrora tão aclamada *Revue des Deux Mondes*, que, paulatinamente, viu seu prestígio cair, seu modelo ser superado e seus leitores diminuírem. O excerto selecionado, de Eça de Queirós, nos dá uma clara noção do que se passou com a imagem da *Revue des Deux Mondes* na virada do século XIX para XX:

Que memórias este nome de Buloz nos traz da nossa mocidade! Nenhum havia então que nós pronunciássemos com mais alegre horror – porque ele representava, para o nosso grupo revolucionário e entusiasta das formas novas e audazes, tudo quanto na literatura havia de mais conservador e burguês. Toda aquela sua séria e poderosa *Revista dos Dois Mundos*, nos parecia então exalar um cheiro horrendo a bafo e a letras mortas. Escrever na Revista, pertencer à Revista era para nós uma maneira especial de ser fósil. (QUEIRÓS, 1912).

Se na Europa o periódico passava por um processo de decadência, como podemos observar acima, no Brasil não foi diferente, e seus dias de fama foram ruindo, acompanhados, como de praxe entre os letrados brasileiros do período, o ritmo europeu das coisas. Seu formato de livro, com sequências de textos densos e sem ilustrações, somados ao conservadorismo da família Buloz, que pouco se alterou depois da sua morte, levaram cada vez mais a *Revue* a perder espaços em relação às revistas ilustradas e *magazines* que cada vez mais faziam sucesso no Brasil. (MARTINS, 2001, p. 77).

No entanto, mesmo a *Revue* perdendo espaço e prestígio, como explica Ana Luiza Martins, guardou-se da *Revue* uma memória que a consagrou como periódico de superior qualidade, representando o que de melhor havia no gênero, e prova disso pode ser encontrada nas diversas revistas que, de uma forma ou de outra, mesmo aquelas surgidas nos tempos de decadência, guardam influências em seus formatos e estilos da *Revue des Deux Mondes*.¹⁵

E essa influência da *Revue* no Brasil não era para menos, afinal, fora a francofilia que dominava a Corte, os letrados e até mesmo o Imperador, o Brasil era o principal mercado consumidor do periódico fora da França. (SODRÉ, 1999, p. 227), e os vestígios da outrora aclamada revista não poderiam desaparecer de repente, mesmo em tempos de crise.

Desse modo, além da *Revue* figurar no Brasil, é natural que o Brasil figurasse na revista. Apesar de ser foco de uma pequena produção, levando em conta os milhares de artigos publicados em toda a existência da *Revue*, a verdade é que, como frisa Luiz Dantas (2000, p. 136), o Brasil teve sempre um comparecimento regular nessas publicações, desde seu volume inaugural, em 1829.

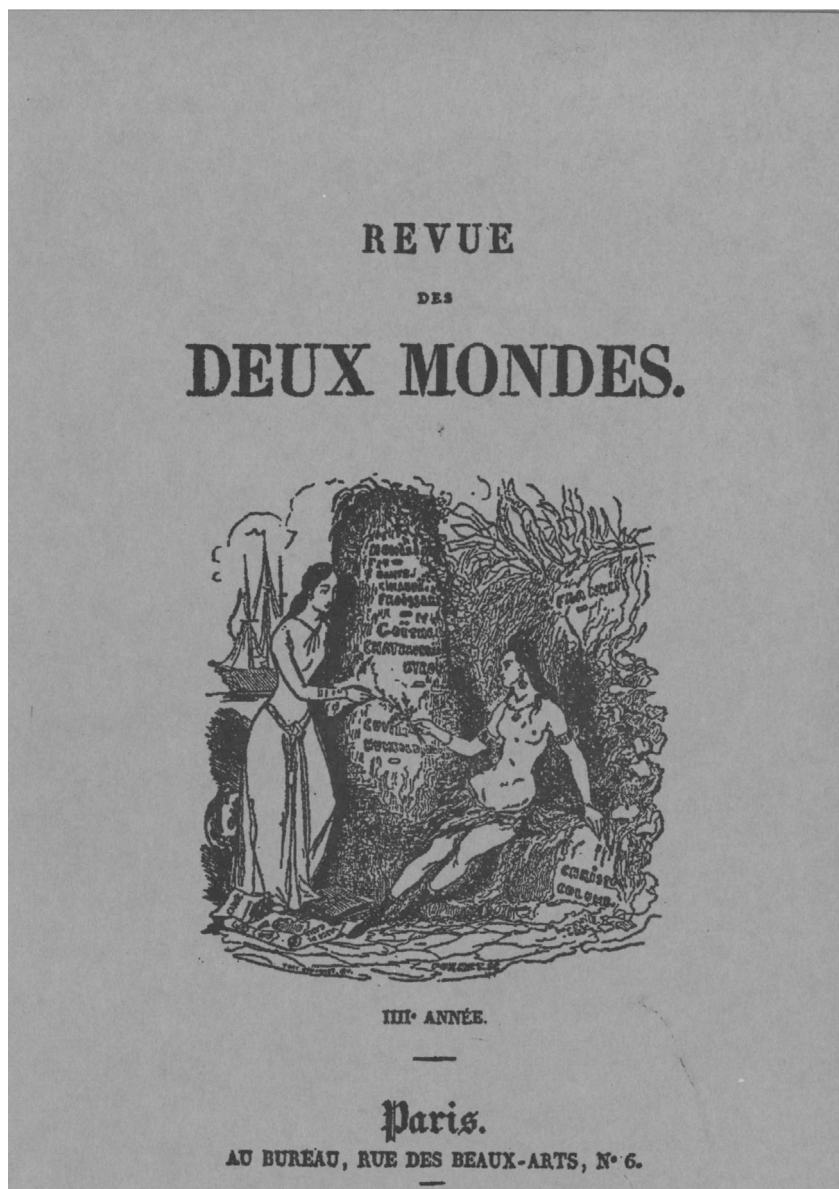
No mais, como dissemos anteriormente, a *Revue* nasceu com o propósito de levar à França o conhecimento de outros povos e deles

absorver aquilo que era útil ao aperfeiçoamento da sociedade francesa. Colocar em contato povos e nações distintas era o objetivo inicial da *Revue*, o que foi aprimorado por François Buloz e continuado por seu filho Charles, por Brunnetière e os diretores seguintes.

A própria vinheta da capa da edição de 1831,¹⁶ ano em que François Buloz assumiu a revista, traz um barco europeu carregado de civilização acenando para uma América primitiva e selvagem e mostra este objetivo: colocar face a face dois mundos distintos, em diferentes estágios de desenvolvimento, para, então, realizar um intercâmbio de riquezas e conhecimentos, aumentando, assim, o bem comum.

Deste modo, a *Revue de Deux Mondes* pode ser entendida como o mais bem-sucedido exemplo de penetração da imprensa francesa, e mesmo das ideias francesas, no Brasil, pois nenhum outro periódico da França teve tanto destaque no Brasil oitocentista.

Figura 1 – Frontispício das primeiras edições da *Revue des DeuxMondes*



Fonte: *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de La Revue des Deux Mondes, n. 6, 1831.

Notas

¹ Vale ressaltar que desde meados do século XIX, com a independência, tanto o governo imperial quanto a classe intelectual do Brasil deram início a um processo de rompimento com as antigas influências de Portugal (País considerado atrasado no cenário europeu) para se voltarem à construção de uma imagem para o Brasil voltada aos ideais da modernidade da época, ou seja, calcados principalmente nas matrizes britânica e francesa. (BARBATO, 2011, p. 5-20; DECCA, 2002, p. 92).

² Lembremos que até 1808, o Brasil sofria uma espécie de blindagem por parte de Portugal a visitantes estrangeiros, que eram proibidos de entrar na colônia; no mais, dentro do processo de modernização do País empreendido por D. João VI, coube aos franceses participação importante, principalmente com a chegada da Missão Artística em 1816.

³ Há uma série de exemplos anteriores a 1808 que mostram que, apesar de restrita e em pequena escala, já havia exemplos de imprensa no Brasil. Marco Morel nos traz como principais destaques desse cenário os ateliês de impressão mantidos pelos padres jesuíta, em suas missões. (2008, p. 22-43).

⁴ João Rodolfo Munhoz Ohara dá uma definição do *passieur* na língua francesa: “No idioma francês, o *passieur* é uma espécie de contrabandista: desconsidera e desafia as fronteiras e os limites estabelecidos, *passando* pessoas e mercadorias sub-repticiamente e subvertendo as *possibilidades de estar*. Na contramão da ordem, o *passieur* se mostra como um extremo das *artes de fazer*: frente

às imposições objetivas colocadas em seu caminho, ele cria atalhos, desloca certezas e subverte o *status quo*”. (2012, p. 454); Já Serge Gruzinski (2001) define o *passieur culturel* como um mediador cultural, um sujeito entre dois mundos, que atua na produção de leituras, interpretações e sínteses no movimento de mão dupla ao qual está inserido, e onde circulam elementos e fragmentos das culturas em contato. Além de estabelecer a comunicação entre dois mundos, levando “ideias, projetos de um mundo ao outro”, ele também promove novas configurações culturais e cria ferramentas que promovem esse contato.

⁵ Os próprios periódicos espanhóis do século XIX mostram ter consciência dessa influência francesa nos seus escritos, como podemos observar a seguir, mas não sem certo ressentimento: “Não se pode perder de vista que falamos e escrevemos em francês; que é em francês que pensamos e que comemos (observação feita no *Semanario Pitoresco*); ou ainda, a crítica presente no *La Censura*, que considera os periódicos espanhóis como uma “servil imitação à *la française* até nos nomes”, com um demonstrativo sentimento de impotência diante do fenômeno que ocorria. (BOTREL, 2012, p. 59-62).

⁶ Kátia Aily Franco de Camargo diz que não há exagero em dizer que a *Revue* deteve durante anos o primado entre os veículos de informação que mais influenciaram os intelectuais brasileiros; Ana Luiz Martins destaca sua importância e penetração no Brasil, e Wilma Peres Costa afirma se tratar da principal referência cultural das elites brasileiras, sendo a mais importante

revista de cultura e política do século XIX, e Thomas Loué não exita em afirmar que a *Revue des Deux Mondes* é a mais célebre revista do século XIX. (CAMARGO, 2001, p. 75; COSTA, 2006, p. 48; LOUÉ, 2002, p. 1).

⁷ Nesse sentido, Nelson Werneck Sodré chega a afirmar que a *Revue* tornara-se leitura habitual do imperador e “principal alimento espiritual dos estadistas brasileiros”. (SODRÉ, 1966, p. 227).

⁸ Afinal, como nos ressalta Lúcia Maria Pachcoal Guimarães, construía-se a imagem de D. Pedro II como a do “príncipe perfeito”, oriundo das mais tradicionais linhagens reais europeias, mas nascido no Brasil, e admirado pelo seu amor às letras e ciências. Depositava-se nesse monarca as esperanças de um futuro brilhante para o Brasil. (GUIMARÃES, 1995, p. 544-545).

⁹ Apesar de no texto não haver menção de autoria, presume-se que tal texto tenha sido escrito por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron, diretores da revista à época.

¹⁰ O trecho a seguir ressalta essa condição, pois coloca princípios únicos que guiam desde aquele que está em distâncias e realidades distintas, como as da França, Inglaterra, Alemanha e do Brasil, ou em extremos do mesmo continente, como Delaware ou os mares do Sul: “Quelquefois ce qui occupe le plus vivement nos esprits se trouve agité, au même moment, vers un autre point du globe, et ce ne sera pas l’un des rapprochements les moins intéressants qu’offrira ce recueil, que de voir les mêmes principes diversement compris, et appliqués en France et en Angleterre, au Brésil et en Allemagne, sur les bords de la Delaware et sur les rivages de la mer du Sud”. (ANÔNIMO, 1829, p. vii).

¹¹ Prova disso é a presença do anarquista Elisée Reclus nas páginas da revista, ou mesmo de Baudelaire, que teve sua obra *As flores do mal* publicada pela primeira vez na *Revue des Deux Mondes*, em 1855. (ANTELO, 2007).

¹² Na própria revista, podemos constatar que Buloz buscava atingir um grande número de leitores com a sua revista, que, além da ampla gama de temas, também objetivava tornar fácil o acesso aos seus exemplares, como podemos constatar no excerto a seguir, presente na própria revista. É interessante também notar um claro objetivo mercadológico, de tornar a revista inclusive mais lida que suas concorrentes: “La *Revue des Deux Mondes* est le recueil périodique le plus accessible à tous les lecteurs. Chaque livraison, contenant un fort volume in-80, ne coûte que 2 fr. aux souscripteurs. Les cahiers trimestriels de *Revue* anglaises, de 500 pages, coûtent 7 fr. 50 cent; les deux livraisons que donne par mois le *Revue des Deux Mondes* contiennent plus de 550 pages, et se vendent à 4 francs”. (BULOZ, 1848, p. 1).

¹³ Apesar de sua posição monarquista, na *Revue* há uma defesa de temas como a abolição, o que mostra que, apesar de conservadora, ela também buscava outros caminhos. (MEDEIROS, 2010, p. 3).

¹⁴ Kátia Camargo conta que François Buloz preparara seu primogênito, Louis Buloz para sucedê-lo nas rédeas da revista, sendo ele desde muito cedo o gerente da *Revue*. No entanto, Louis havia morrido subitamente, e com a morte do pai, coube a Charles o papel de dirigir o periódico. (CAMARGO, 2005, p. 90).

¹⁵ Ana Luíza Martins relata uma série de revistas brasileiras do fim do século XIX

e início do século XX que traziam influências da *Revue des Deux Mondes*, entre elas, podemos citar a *Revista*

Brasileira, a *Revista do Brasil* e a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. (MARTINS, 2001, p. 77).

¹⁶ A vinheta se encontra no final do texto.

Referências

- ANÔNIMO. Avertissement. *Revue des Deux Mondes: recueil de la politique, de l'administration et de mouer*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1829. v. 1.
- ANTELO, Raúl. As Flores do Mal: sintoma e saber anti-modernos. *Alea*, v. 9, n. 1, 2007.
- BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*. Campinas: [s.n.], 2011.
- BOTREL, Jean-François. Impressos sem fronteiras no século XIX: França/Espanha/ América Latina. In: GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012. p. 55-72.
- BULOZ, François. Supplément. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848.
- BULOZ, François. Supplément. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848.
- CAMARGO, Kátia Aily Franco de. A revista como fonte de pesquisa. *Educação: Teoria e Prática*, v. 13, n. 24, jan./jun. 2005.
- CAMARGO, Kátia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal: Ed. da UFRN, 2007.
- CAPARELLI, André. Identidade e alteridade nacionais: transferências culturais na imprensa brasileira do século XIX. In: GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012. p. 25-38.
- CARELLI, Mario. *Brasil-França: cinco séculos de sedução/cinq siècles de seduction: France-Brésil*. Rio de Janeiro: Espaço em Tempo, 1989.
- CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas: Papyrus, 1994.
- COSTA, Wilma Peres. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e trajetória intelectual. In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide; ROLLAND, Denis (Org.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.
- DANTAS, Luiz. Letras brasileiras na *Revue des Deux Mondes*. In: NITRINI, Sandra (Org.). *Aquém e além-mar: relações culturais: Brasil-França*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- DECCA, Edgar Salvadori de. Tal pai, qual filho?: narrativas histórico-literárias da identidade nacional. *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo, n. 24, 2002.
- FERREIRA, Marie-Jo. Testemunho da presença intelectual brasileira na França: a *Revue du Monde Latin* e o Brasil (1883 – 1893). In: RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (Org.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil – França*. São Paulo: Cortez, 2003.
- GRANJA, Luciana. França e Brasil: transferências da crônica e do folhetim-variedades. In: GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012. p. 115-133.

- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 388, 1995.
- GUIMARÃES, Valéria. Os fait divers na imprensa do Brasil e da França. In: GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Edusp, 2012. p. 135-155.
- HALL, Stuart. Codage/Décodage. *Reseaux*, n. 68, 1994.
- KALIFA, Dominique. *La culture de masse en France: 1860-1930*. Paris: La Découverte, 2001. T. 1.
- LOUÉ, Thomas. Une révolte culturelle: l'entrée en catholicisme de la Revue des Deux Mondes (1895-1906)". In. *Cahiers d'Histoire – Revue d'Histoire Critique*, n. 87, 2002.
- LOUÉ, Thomas. *La Revue des Deux Mondes de Buloz à Brunnetière: de la belle époque de la revue à la revue de la Belle Époque*. Paris: Atelier National de Reproduction de Thèses, 1998.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. São Paulo: Edusp; Fapesp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.
- MEDEIROS, Camylla Lima de. A obra folhetinesca de Visconde de Taunay: o olhar francês de um romancista brasileiro. In: SEMANA DE HUMANIDADES, 18., 2010, Natal. *Anais...* Natal, 2010.
- MELLO, Jefferson Agostini. Um espaço-corpo fraturado: as Ilhas Malvinas na Revue des Deux Mondes. *Revista Landa*, v. 2, n. 1, 2013.
- MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- OHARA, João Rodolfo Munhoz. O historiador como *passreur*: considerações sobre Michel de Certeau e o ofício do Historiador. *Cadernos de Pesquisa CDHIS*, v. 25, n. 2, jul./dez. 2012.
- PASCOALETO, Maurício Cezar. Como era gostoso meu francês: reapropriação de modelos de representações sociais em *A lanterna mágica*, de Manuel de Araújo Porto-Alegre. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: 2008.
- PINASSI, Maria Orlanda. *Três devotos, uma fê, nenhum milagre: Nitherooy – Revista Brasileira de Ciências e Artes*. São Paulo: Edusp, 1998.
- QUEIRÓS, Eça de. *Ecoss de Paris*. Porto: Lello, 1912.
- SILVA, Ligia Osório. Propaganda e realidade: a imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX. *Theomai*, n. 3, Red Internacional de Estudios sobre Sociedad, Naturaleza y Desarrollo. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, Argentina, 2001.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

